



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS BISPOS DA BAVIERA EM VISITA
«AD LIMINA APOSTOLORUM»**

Sábado, 28 de Janeiro de 1983

Caros Irmãos no Episcopado!

1. Viestes a Roma para num encontro fraterno, confirmar a vossa unidade com o Sucessor de Pedro. Há dois anos, tivemos igualmente a oportunidade de realizar na vossa pátria, um encontro semelhante e a recordação deste facto enche-me de reconhecida alegria. Desejo que o nosso colóquio de hoje decorra sob a bênção de Deus e a intercessão da "Patrona Bavariae"

A nossa grata recordação dirige-se neste momento para aqueles que o Senhor chamou a si, desde a última visita "ad limina" da vossa Conferência: o meu inesquecível predecessor Paulo VI, e o nosso venerável irmão no Episcopado D Josef Stangl. Peço-vos que transmitais ao emérito Bispo Resignatário Dr. Graber a minha mensagem de solidariedade. Desejo igualmente saudar o anterior Pastor de Speyer, hoje Arcebispo de Munique e Frisinga, com os melhores votos e ao mesmo tempo com os meus agradecimentos aos seus diocesanos, que tão solícitamente corresponderam ao apelo do Bispo predecessor no sentido de prestarem um importante serviço à Igreja universal. Este nosso encontro representa para o Bispo de Regensburg a sua primeira visita "ad limina". Que S. Wolfgang o ajude a "anunciar a verdade" de Cristo!

2. Caros Irmãos! O encontro dos Bispos com o Sucessor de Pedro é sempre ocasião de reflectir sobre o orientamento do nosso serviço como proclamadores do Evangelho e administradores dos mistérios de Deus. É o amor de Deus pelos homens que tem constituído o ponto central do meu anúncio, desde a primeira Encíclica sobre o *Redentor do Homem* até aos diversos documentos sobre a família. Tudo se pode resumir nesta palavra de Santo Ireneu: "A glória de Deus é a vida do homem, a vida do homem é a visão de Deus". Ambas as partes desta frase são igualmente importantes: somente o homem que vive e que possui a vida pode louvar a Deus; de facto, Deus

é tanto mais glorificado quanto mais o homem avança no caminho da sua realização e plenitude. Os mandamentos de Deus não constituem de modo algum limites que separem o homem dos aspectos melhores da vida, mas caminhos de plenitude. Eles ensinam a encontrar a vida: "A vida do homem é a visão de Deus".

É por este motivo que a Igreja se empenha pelo bem-estar terreno dos homens, tanto no seu serviço social, como na sua luta pela justiça, o desenvolvimento e a paz. É também por isso que ela não se limita apenas à acção e solidariedade sociais, mas convida o homem a elevar o seu olhar para Deus, a participar no serviço divino. Com efeito, a liturgia não diminui a preocupação pelo serviço dos homens, ela constitui o centro de tal serviço. Sempre que o homem afasta Deus do seu horizonte de vida, afasta-se a si mesmo da fonte da Vida.

3. Permitti-me que desenvolva a seguir alguns pontos de vista acerca deste tema tão fundamental. Sobre a liturgia eucarística é de especial importância aquilo que o Concílio afirma acerca da liturgia em geral: ela é a meta e a fonte, da qual promana toda a acção da Igreja e para a qual ela se encaminha (*Sacrosanctum concilium*, 10). Por isso é necessário que todos os fiéis celebrem o dia de festa semanal da Igreja, o domingo, como o dia do encontro eucarístico com o Senhor. Nele, não é apenas a comunidade local que se reúne, mas é também o próprio Senhor que está presente no meio dos fiéis de uma forma singular, fazendo-os participar da glória que Ele recebeu do Pai pela oferta que de si mesmo fez na cruz e continua a fazer. Esta acção litúrgica é por isso mesmo insubstituível, e é importante que tanto os sacerdotes como os leigos tenham disso uma consciência clara. O ano jubilar que dentro em breve será inaugurado, deveria constituir uma oportunidade para renovar o anúncio do mistério pascal da Eucaristia, para que ele possa ser aplicado na vida com uma nova seriedade e alegria.

4. Como consequência, deveria seguir-se igualmente um renovado esforço pelas vocações sacerdotais, e um cuidado permanente pela espiritualidade sacerdotal e pela actuação dos sacerdotes, de tal modo que o Bispo constitua com o seu clero uma verdadeira diocese. Sei que tendes feito muito para, no espírito do Concílio, promover igualmente outras vocações na Igreja, desde o Diaconado até às diversas vocações de colaboração tanto no anúncio do Evangelho como no trabalho pastoral, no qual também as mulheres podem ter uma função de activo serviço. Tudo isto é muito louvável e importante, especialmente neste tempo em que vivemos. Não se trata, bem entendido, de fazer concorrência à insubstituível vocação sacerdotal, dado que a Eucaristia não é substituível por nenhuma outra acção litúrgica. Deveis portanto preocupar-vos ao mesmo tempo tanto em suscitar vocações para o sacerdócio, como em pôr também em relevo as insubstituíveis estruturas das diversas vocações. Esforçai-vos também por criar nos Seminários uma atmosfera que possa orientar verdadeiramente para o sacerdócio. Não posso deixar de vos encorajar a continuar com insistência este caminho.

Gostaria ainda de sublinhar aqui de um modo particular um outro ponto de vista. Existe uma estreita relação entre o exemplo que dão aqueles que já se encontram no sacerdócio e a

possibilidade de que outros se decidam a abraçar esta vocação. Por tal motivo, é especialmente importante neste nosso tempo a existência de uma relação pessoal do Bispo com os seus sacerdotes. Cada sacerdote deve com efeito sentir que não está só. Ele deve sentir continuamente o encorajamento e a força da comunidade fraterna constituída por todos quantos colaboram no mesmo serviço. Ele deve poder experimentar a relação com o seu Bispo não como a relação com um superior distante, coordenador de um grande serviço público, mas como o ponto de referência de todos quantos encontram no altar de Jesus Cristo o seu verdadeiro centro.

Uma Igreja local como a vossa, que dispõe de uma quantidade relativamente grande de meios materiais, tem uma grande oportunidade de acção, mas corre igualmente alguns perigos. Um deles é constituído pelo facto de que as estruturas de acção acabem por ser mais importantes que o próprio homem. A este propósito não é demais recordar que para a Igreja o princípio da responsabilidade pessoal é de fundamental importância. A direcção espiritual da Igreja deve ser realizada não por um grupo anónimo, mas por pessoas. Sei bem como é difícil no nosso tempo que um Bispo, no desempenho de todos os seus deveres, permaneça sempre fiel a este princípio. Sei igualmente que nem sempre se pode agradar a todos. Mas peço-vos que façais com que a simplicidade do Evangelho e o seu carácter pessoal estejam cada vez mais presentes na vida dos homens. O esforço em estabelecer uma estreita relação entre o Bispo e os seus sacerdotes é fundamental para que os jovens de hoje descubram o apelo ao sacerdócio, e possam reconhecê-lo como um apelo a si mesmos.

5. Permitti-me ainda passar a uma outra consideração. Não é por acaso que as palavras culto e cultura têm a mesma raiz etimológica. Com efeito, quando o homem dá a Deus a glória que Lhe é devida, torna-se ele próprio melhor, mais humano. Culto e cultura têm entre si uma indissolúvel relação. Tal relação, caros irmãos, é particularmente visível no vosso país. É com efeito significativo que o meu inesquecível encontro com o mundo da cultura, por ocasião da minha visita pastoral à Alemanha, se tenha realizado na capital do vosso Estado. Censura-se muitas vezes o Concílio acusando-o de ter provocado uma "destruição da sensibilidade", de ter submetido, a liturgia e uma "concepção banal", e de ter contribuído para uma "destruição do culto" através da "liberalização dos sacramentos". Não é este evidentemente o lugar para proceder a uma discussão de todas estas opiniões. É porém fora de dúvida que existem muitos equívocos acerca da reforma da liturgia. Uma coisa é certa: quando o Concílio quis sublinhar o carácter de oração e interioridade da liturgia, e chamar a todos para que participem activamente na acção litúrgica, ouvindo ou lendo a Palavra de Deus, ou através de outros gestos, não pretendeu de forma alguma diminuir o carácter de glorificação do Senhor que é próprio da liturgia. Por isso, torna-se cada vez mais actual a palavra do sacerdote Esdras ao povo de Israel reunido em assembleia: "A alegria no Senhor é a nossa força" (Ne. 8, 10). Por isso, desejo encorajar-vos a viver na alegria do Senhor, a continuar a promover a beleza festiva da liturgia, tal como existe já no vosso país, mas ao mesmo tempo, a velar para que as tradições religiosas não acabem por se manifestar em exhibições profanas. A tradição religiosa deve ser continuamente reconduzida à sua origem, ao seu núcleo especificamente religioso, de modo a que a fé ilumine tanto o coração

como a inteligência.

6. O *Ano da Salvação* suscita-nos ainda uma outra consideração. Ao dirigir-me ao anterior grupo de Bispos alemães, tive oportunidade de sublinhar que a primeira palavra da Boa Nova é: *Poenitemini* — convertei-vos, fazei penitência. Quando a palavra pecado se torna de qualquer modo estranha ao nosso vocabulário, os homens não estão na verdade, e afastam-se do mais íntimo de si mesmos, esquecendo-se que uma verdadeira disposição à conversão é condição indispensável para a vinda do Reino de Deus. Quando o homem não consegue encarar o pecado como uma séria realidade que lhe diz respeito, podemos afirmar que se obscureceu nele a percepção de Deus. No momento em que Pedro reconheceu em Jesus o próprio Deus que se aproximou dos homens, gritou: "Afasta-te de mim. Senhor, porque sou um homem pecador!" (Lc. 5, 8). Quando o homem reconhece Deus, reconhece-se igualmente a si mesmo, reconhece o seu pecado, tornando-se assim capaz de receber a salvação. Exorto-vos a aproveitar este ano, durante o qual também o Sínodo dos Bispos se debruçará sobre os temas da penitência e da reconciliação, para aprofundar o vosso ensinamento acerca do pecado, da penitência e da salvação. Aproveitai-o como um convite ao sacramento da Penitência! A consideração séria do mistério da salvação, e da alegria que nos vem da penitência e da conversão, assume ao mesmo tempo um significado ecuménico, já que a efeméride dos 500 anos de nascimento do Reformador Martinho Lutero repropõe com urgência a questão ecuménica. Deveria tornar-se hoje claro que as indulgências, que constituíram a origem da separação entre os cristãos, e que este ano novamente se cruzam com o pensamento de Lutero, não pretendem ser senão a resposta concreta àquela fundamental verdade da fé que o Concílio de Trento resumiu deste modo: "Toda a vida cristã é um contínuo processo de conversão" (DS, 1694).

7. Voltemos ainda uma vez às palavras de Santo Ireneu: *Gloria Dei vivens homo, vita autem hominis visio Dei*. O homem deve ter portanto o sentido de Deus para poder realmente viver. Esta percepção de Deus tem diversas dimensões, algumas das quais procurei indicar. Não se pode dizer que tudo se reduza à *ratio*. Mas deve-se reconhecer ao mesmo tempo que a razão é o órgão privilegiado da visão espiritual. Decorre deste facto o grande significado da teologia para a fé e a Igreja. Sei que existe no vosso país um número invulgarmente elevado de faculdades de teologia e também um grande número de estudantes de teologia leigos. Foi por este motivo que me empenhei em contactar com os professores de teologia na [minha viagem pastoral à Alemanha](#). Foi uma feliz coincidência que este [encontro, do qual conservo grata recordação, se tenha realizado em Altötting](#), um local de peregrinação mariana. Não necessito de repetir aqui as considerações sobre os princípios fundamentais que ilustram a função da teologia e dos teólogos na Igreja, princípios que então tive ocasião de expor. Gostaria porém de me referir ao simbolismo daquele local de encontro. Quando Maria — como afirma o Concílio juntamente com os Padres — é o "modelo da Igreja" (*Lumen gentium*, 63), torna-se imediatamente claro que a teologia deve maturar sempre no interior da vida da Igreja, e que a reflexão dos teólogos necessita de uma "meditação da Palavra" (Lc. 2, 19), razão pela qual os Padres chamam a Maria "profetisa". Torna-se igualmente claro que a teologia deve ser colocada no ambiente da oração que glorifica Deus,

para assim poder frutificar. Tal como culto e cultura, também razão e glorificação estão intimamente relacionadas. O vosso cuidado pelas faculdades de teologia e por aqueles que ali estudam e ensinam deve constituir precisamente em fazer com que esta estreita relação seja pensada, mantida e reforçada.

São estas, caros Irmãos, as preocupações que vos confio ao regressardes ao vosso trabalho quotidiano. Encomendemos todos ao Espírito Santo "que é Senhor e dá a vida", tudo quanto vos disse a vós e aos restantes Bispos alemães durante esta semana. Neste momento em que vos desejo agradecer a todos, de todo o coração, pelo vosso empenho no serviço do Reino de Deus, deveis ouvir a voz do Papa como se ouvísseis a própria voz do Bom Pastor. Que ele seja a vossa recompensa. Imploro sobre vós, sobre os vossos fiéis e todos os cristãos e concidadãos do vosso país, de todo o coração, a bênção do Deus trino.

© Copyright 1983 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana